Jeremias 29,1-7: "O futuro começa agora".

INTRODUÇÃO

Falar de futuro é tocar na dimensão da esperança. Os livros proféticos do Antigo e Novo Testamento contêm extensas descrições dos tempos futuros anunciados pelos profetas. O futuro, porém, ainda não existe. Não pode ser conhecido. Só pode ser sonhado. Os sonhos são o modo de existir do futuro. Aplicado à realidade social o sonho chama-se utopia[1]. Entende-se por utopia um projeto de modificação radical de uma determinada ordem social operante que se daria por uma mudança do sistema de valores e das instituições dominantes num determinado momento, trazendo conseqüentemente uma diferente distribuição dos recursos facilmente identificáveis no poder, na propriedade e no prestígio social. A utopia apresenta dois aspectos fundamentais, isto é, a crítica do presente e a representação daquilo que deveria ser[2].

Uma nova época histórica está sendo anunciada e já se faz presente agora pela ideologia do neoliberalismo, apresentada como única alternativa aos males do atraso e do subdesenvolvimento: a "corrupção", o "clientelismo", a "ineficiência". Isto tudo para legitimar a abertura ao "mercado mundial", a "privatização das empresas" e o "desprestígio do Estado"[3].

1. COMBLIN, José. *A maior esperança*. Vozes, Petrópolis, 1974.

2. Cf. FIOROT, Dino. Verbete *Utopia,* in *Dizionario di sociologia e antropologia culturale,* Cittadella editrice, Assisi, 1984. O autor traz uma definição e análise histórica do conceito que vai desde o surgimento do termo, sua forma literária com elementos comuns considerados paradigmáticos na literatura até a rejeição desta interpretação feita por Bloch e Mannheim que a colocaram num quadro histórico-sociológico, onde as grandes utopias manifestam as aspirações e as necessidades das classes subalternas que carregam na pele os custos, freqüentemente terríveis, da passagem do feudalismo para o capitalismo. Veja também, a respeito de utopia, K. MANNHEIM. *Ideologia e Utopia.* Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972 (Original editado em 1929).

3. Cf. COMBLIN, José. Sinais dos Tempos no final do século XX, in *Vida Clamor e Esperança; reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina*. Loyola, S. Paulo, 1992.

O processo acelerado de exclusão implantado pela via de desenvolvimento adotada, via de regra, pelos países do Terceiro Mundo, cuja ideologia neoliberal leva a crer que "quem quiser construir o céu na terra, estará construindo o próprio inferno", toca num dos elementos essenciais da fé cristã e além disso leva ao exacerbamento do individualismo e da falta de esperança histórica. É o que se poderia chamar de desespero diante do futuro.

No entanto, o Deus de Jesus Cristo é o Deus da esperança (Rm 15,13). A esperança não é, simplesmente, a adesão ideal a algo que poderá acontecer, mas é um modo de viver, um modo novo de ser.

Sempre houve algo de esperança na história humana. Mas jamais ela irrompeu com tanta força quanto no povo de Israel. Para conhecer a esperança cristã é necessário conhecer a esperança de Israel.

O Antigo Testamento pode ser considerado, sinteticamente, como o livro da esperança. Há nele as promessas que serão realizadas. É um contínuo anúncio do futuro. Para os profetas o sinal do verdadeiro Deus são os anúncios do futuro. A esperança do futuro deve ser, portanto, a marca da verdadeira religião.

O momento atual reclama das igrejas esta missão. O mundo hoje, talvez como poucas vezes no passado, precisa ser animado pela Palavra de Deus. O Deus das promessas fielmente vai realizando o seu Reino.

Mas como evocar e revigorar hoje a esperança utópica diante das quedas de muros e ideologias. Como engajar as classes populares na realização histórica de uma sociedade alternativa. É preciso alimentar a esperança cristã, que no AT tem suas raízes, sua força de anúncio profético, para ficarem bem claras as razões da nossa fé em Jesus Cristo libertador.

O humano não se esgota no presente. A realização do ser humano na sociedade se identificará, pouco a pouco, com o Reino de Deus. O Reino não é ilusão. Ele se revelará no futuro.

É preciso que as profecias e as utopias cristãs atuem no meio da sociedade humana e produzam os seus efeitos.

Vamos analisar uma perícope profética, seu contexto histórico e literário, e ver como enfrentar situações de "desespero", rompendo com a resignação e acendendo, pelo anúncio e pela denúncia, a esperança utópica que gradual e progressivamente será construída. A carta de Jeremias enviada aos desterrados da Babilônia, despojados de todos os bens culturais, religiosos e materiais, prisioneiros no exílio, quase sem nenhuma esperança, ensina a utilizar as mediações sociais, políticas, econômicas e pedagógicas, bem como partir exatamente da sua realidade ouvida e compadecida, das suas reais necessidades, para se poder construir uma sociedade nova, missão de todo cristão, que pelo batismo recebe o tríplice múnus: profético, sacerdotal e pastoral.

O TEXTO: Jr 29,1-7

[1]"Eis os termos da Carta que o profeta Jeremias enviou de Jerusalém aos anciãos do exílio, aos sacerdotes, profetas e a todo o povo que Nabucodonosor deportara de Jerusalém para a Babilônia, [2]depois que o rei Jeconias saiu de Jerusalém com a rainha-mãe, os eunucos, os chefes de Judá e de Jerusalém, os ferreiros e serralheiros. [3]Ela foi levada por intermédio de Elasa filho de Safã e de Gemarias filho de Helcias, que Sedecias, rei de Judá, enviara à Babilônia a Nabucodonosor, rei da Babilônia: [4]'Assim diz o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel, a todos os exilados que deportei de Jerusalém para Babilônia. [5]Construí casas e instalai-vos, plantai pomares e comei seus frutos. [6]Casai-vos e gerai filhos e filhas, tomai esposas para os vossos filhos e dai vossas filhas em casamento, a fim de gerarem filhos e filhas; multiplicai-vos aí e não diminuais! [7]Procurai o bem-estar da cidade para onde vos deportei; rogai por ela ao Senhor, porque de seu bem-estar depende o vosso'".

Este texto é apenas uma parte da carta que Jeremias enviou aos exilados na Babilônia. Cita os destinatários e dá informações (glosa histórica) da época em que foi enviada: "depois que o rei Jeconias..." (v. 2). Menciona quem ficou encarregado de levar a carta (v. 3). Traz a palavra que Javé tem a dizer aos deportados que ele mesmo, Javé, deportara de Jerusalém à Babilônia (v. 4). Neste versículo se explicita que os deportados continuam sendo o "seu povo". "Construir" e "plantar" (v. 5) são os mesmos verbos da vocação profética (1,10). Jeremias está cumprindo sua missão, ou parte dela, pois o profeta deve também arrancar e destruir. São estas atividades elementares "construir para morar" e "plantar para comer os frutos" que preparam o futuro. "Casar e gerar filhos" (v. 6) explicitam ainda mais a dimensão de futuro, a necessidade de trabalhar para garantir o futuro. A vida deve recobrar seu dinamismo crescente. Ao trabalho em proveito deles mesmos e à sua fecundidade como "resto" vem se somar a idéia de "paz" e "prosperidade" (v. 7). O futuro começa agora. São palavras de otimismo do profeta que apontam o futuro com esperança e indicam o caminho concreto, o princípio político pelo qual conseguirão construir o bem-estar de seus cidadãos[4].

CONTEXTO HISTÓRICO[5]

O tempo de atuação de Jeremias foi um dos mais difíceis de toda a história de Israel. Sua vida atravessou dois períodos bem contrastantes, divididos pela morte do rei Josias, na Batalha de Carquemis, contra o Egito em 609 aC.[6] O primeiro é um período marcado pelo otimismo. Depois de alguns oráculos iniciais de conversão e de perdão (Jr 2–3; 30–31) Jeremias ficou em silêncio durante longo tempo. Havia esperança de independência política e de uma conseqüente prosperidade econômica sedimentadas pela reforma religiosa empreendida pelo rei.

4. Cf. SCHÖKEL, L.A. e SICRE, J.L. *Profetas. Comentário I.* Ed. Cristiandad, p. 548.

5. Cf. PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres* (Tradução Ramiro Mincato). Petrópolis, Vozes, 1989, particularmente o Cap. XI: O período da hegemonia babilônica (605-539 aC). Veja também resumo histórico, dividido em quatro períodos, na introdução ao livro na Bíblia Sagrada Vozes.

6. Ver a obra de José Luís SICRE. *Introdução ao Antigo Testamento.* Vozes, Petrópolis, 1995, sobre o profeta Jeremias e sua época, cap. 15: História do Movimento Profético; B. Desde Amós até o Exílio, especialmente as p. 245-250.

Com a morte de Josias veio rapidamente a decadência: Judá foi dominada primeiro pelo Egito, depois pela Babilônia. A luta interna dos partidos filo-babilônico e filo-egípcio se fizeram acompanhar de não poucas injustiças sociais e corrupção.

Politicamente o povo reagia mais ou menos como diante do leite derramado das eleições nos dias de hoje. E o profeta? Tentava reerguer o olhar do povo para frente, para a esperança da mudança. Tentava fazer o povo reagir, vencendo a maldição da acomodação passiva, ou a ilusão da solução fácil e imediata.

Onde buscar força e coragem para empreender uma luta tão árdua. Em que bases e em que visão de mundo e de fé alicerçar a ação. Somente a esperança no futuro poderia criar a utopia necessária. A falta de esperança utópica é na verdade falta de esperança e de consciência histórica. A história não é determinada por uma espécie de "lei natural". Isto equivaleria a abrir mão da liberdade e portanto da própria vida. Isto não pode ser aceito de maneira nenhuma. A vida precisa da esperança, do sonho, da utopia. Vivemos como se houvesse dentro de nós uma divisão esquizofrênica separando o sonho da realização. Queremos o sonho e ao mesmo tempo negamos a possibilidade de construí-lo historicamente. Na prática é a sacralização do desespero, como se somente algo vindo de fora da história, quem sabe, a loteria ou uma predestinação divina, pudesse nos salvar. Jeremias aponta para a construção do futuro. É preciso plantar agora para comer os frutos depois (Jr 29,6.28).

Cronologicamente falando a carta que enviou aos deportados (c. 29) é provavelmente do ano 593, depois da primeira deportação para a Babilônia (597 aC), no tempo em que Nabucodonosor depôs Jeconias (filho de Joaquim, que ficara no trono apenas alguns meses) levando-o também para o exílio e deixando Sedecias em seu lugar.

Não obstante a tranqüilidade política dos primeiros anos de Sedecias, o povo estava profundamente marcado pela catástrofe. Estava aberto o problema religioso dos desterrados: como explicar e compreender a ação de Deus nesta tragédia? Deus defende seu povo ou não? Como assimilar teologicamente a dura realidade dos fatos?

Considerar os desterrados como não-constitutivos do verdadeiro povo de Deus foi uma tentativa escapatória. Eles são os culpados pelo castigo. Os que tinham ficado em Jerusalém e Judá, ao contrário, eram os justos e bons. Jeremias saiu ao encalço desta interpretação simplista e injusta com a imagem dos dois cestos de figos (c. 24). *"Assim diz o Senhor a respeito do rei que está sentado sobre o trono de Davi e a respeito de todo o povo que habita nesta cidade, vossos irmãos que não foram deportados convosco. Assim diz o Senhor todo-poderoso: Eis que enviarei contra eles a espada, a fome e a peste; e os farei semelhantes aos figos podres que não poderão ser comidos de tão ruins que são... Porque não escutaram minhas palavras"* (Jr 29,16-19).

Jeremias com a carta aos deportados (c. 29) procurou adverti-los contra os falsos profetas vendedores de ilusões. A vida deve ser levada o mais normal possível para construir aí mesmo, onde estão, no desterro, o seu futuro, pois o exílio será longo.

CONTEXTO LITERÁRIO

O livro de Jeremias é complexo e vasto. Temos nele o maior livro da Bíblia, excetuado o livro de Isaías, cheio de repetições, mudanças de estilo e uma aparente desordem que pode desorientar o leitor. Para compreendê-lo melhor é preciso olhar as grandes divisões internas do mesmo.

Já à primeira vista é fácil perceber dois tipos de textos, em forma poética e em forma de prosa. A carta que estamos analisando (Jr 29) foi escrita em prosa. O processo de composição teve uma longa história. Sua ordem não é sempre clara. A cronológica se mistura com a temática. Infelizmente não é possível ordenar cronologicamente todo o material. O livro é antes o resultado de uma sucessão e superposição de passagens e elementos esparsos. O material procede de diversas fontes que S. Mowinckel (1914) classificou em "A" "B" e "C". O compilador tinha sob suas mãos três diferentes tipos de "fontes", ou de "tradições" ou de "palavras" – embora hoje ninguém siga esta teoria ao pé da letra, sua terminologia é conveniente[7].

A fonte "A" contém oráculos em forma poética, que em substância remontam a Jeremias. Encontram-se principalmente nos c. 1–25. A fonte "B" encerra narrações sobre Jeremias escritas em terceira pessoa. Relata os sofrimentos do profeta. Esta fonte é em geral atribuída ao secretário Baruc. A fonte "C" é uma coleção de sermões proféticos em forma de prosa, originariamente de Jeremias, mas posteriormente trabalhados e adaptados pela escola deuteronomista.

O texto que estamos analisando pertence à fonte "B" (quase metade do livro). Grande parte destas narrações seguem uma ordem cronológica[8]. Numerosos estudiosos atribuem estas narrações ao secretário de Jeremias, Baruc, testemunha presente em muitos acontecimentos, mas outros as atribuem a uma atividade pastoral e homilética desenvolvida na Babilônia. Sobre sua finalidade também se discute. Uns a consideram uma biografia do profeta centrada especialmente em seus sofrimentos, "uma paixão de Jeremias". Contudo há demasiadas omissões para ser considerada biografia. Não quer compadecer-se do profeta, nem glorificá-lo. Seu centro é a Palavra de Deus e a reação que os diversos grupos têm diante dela: de acolhida ou de rejeição. Há dentro destes textos diversos enfoques e preocupações teológicas, mas o fundamental é sempre a Palavra de Deus.

O material desta fonte pode ser assim contextualizado literariamente:

I. c. 26 (Jr profeta falso ou verdadeiro?): Jeremias prega contra o Templo e está na iminência de ser condenado à morte pela reação dos sacerdotes e de outros profetas.

II. 19,1–20,6 (A bilha quebrada): Jeremias prega no Templo a iminente invasão babilônica. É colocado por Fasur no tronco e açoitado na prisão do Templo.

7. Cf. SCHÖKEL, L.A. e SICRE, J.L., *op. cit,* 412.

8. Cf. SCHÖKEL, L. A. e SICRE. J.L., *op. cit.*, 413.

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

III. O c. 36 (Redação e leitura do livro): impedido de pregar no Templo, escreve suas palavras num rolo que Baruc irá ler, mas o rolo recebe a mesma rejeição e será queimado.

IV. c. 27–29 (Confronto com os falsos profetas, Jeremias X Ananias, carta aos deportados): confronto com Ananias a propósito da resistência e da submissão à Babilônia: Jeremias sai perdendo. Ano 593.

V. 51,59-64 (Ação simbólica no Eufrates): ação secreta e simbólica de Jr contra a Babilônia. Ano 594.

VI. 34,1-7 (O assédio): oráculo do profeta a Sedecias, no início do assédio de Jerusalém, no qual recomenda a rendição à Babilônia. Ano 587.

VII. c. 37–44 (Diversos acontecimentos): últimas palavras e últimos sofrimentos do profeta, do assédio de Jerusalém em diante, até o exílio no Egito. Ano 586.

VIII. c. 45 (Palavras de Baruc): oráculo pessoal dirigido a Baruc, cuja datação é do ano 605 mas que o próprio Baruc quis colocar no fim destes relatos quase que para assinar seu testemunho.

Este é o material da fonte "B". Há sempre o confronto entre a verdadeira e a falsa profecia (I); a pregação da ilusão ou o realismo (II); a rejeição da palavra de Javé, oral ou escrita (III); o falso e o verdadeiro profetismo e o falso e o verdadeiro Israel com a carta que reconhece o "resto" na Babilônia (IV); um oráculo contra a Babilônia como poslúdio aos oráculos do c. 25 (V). Depois de 70 anos de exílio Deus vai castigar a Babilônia pelos seus crimes. Jeremias manifesta aí sua fé, pois sabia que a Babilônia, mesmo considerada por ele como instrumento para o castigo de Deus, perderia seu domínio. Os discípulos de Jeremias proclamam o julgamento da Babilônia. Novos tempos aparecem no horizonte. O assédio por parte da Babilônia (VI) faz Jeremias profetizar ao rei Sedecias que Javé irá entregar Jerusalém a Nabucodonosor, para que a incendeie. A intervenção de Jeremias busca a prudência, pois rebelar-se naquele momento era uma temeridade irresponsável. Naquela ocasião o importante era sobreviver. Os c. 37–44 relatam os acontecimentos e as palavras de Jeremias. Seu realismo político não é aceito. É preso por um grupo de nacionalistas. Interrogado pelo rei, desafia os falsos profetas e confirma sua convicção: Jerusalém não escapará da dominação babilônica. Os fatos deram razão à profecia de Jeremias.

O PROFETA E O PROFETISMO, ONTEM E HOJE

Um quadro de acontecimentos históricos conflitivos envolve a atividade de Jeremias. Recebeu de Deus o encargo de explicar à população – seus contemporâneos – o significado da tragédia que estava vivendo. Num primeiro momento esperava poder convencer o povo a evitar a catástrofe nacional. Opôs-se ao rei, aos chefes e à opinião comum do seu tempo.

Quando a catástrofe estava às portas, como inevitável, o profeta afirmou a necessidade de o rei aceitar o domínio babilônico. Foi por isso acusado de derrotista e traidor. Mas ele viu que naquela situação essa era a vontade de Deus.

Mais tarde o desastre nacional e a rejeição à sua pregação lhe farão compreender que o comportamento humano só pode ser mudado com a transformação no modo de pensar, com a experiência profunda e existencial da vontade de Deus, conforme a nova aliança que será não mais escrita nas tábuas mas no coração mesmo. Esta é a aliança que o Senhor selará com o seu povo.

Jeremias expõe, como nenhum outro profeta, sua própria vida e situação pessoal nos escritos. É o profeta que talvez melhor nos ajude a conhecer Jesus. Quando Jesus perguntou aos discípulos: "No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?" Eles responderam: "Uns dizem que é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou um dos profetas" (Mt 16,13-14). Entre as figuras que o povo instintivamente associava a Jesus aparece o profeta Jeremias, não o grande Isaías ou Ezequiel ou Daniel[9].

Jeremias sofreu a maldição de todos e sua vida foi uma "desgraça" (15,10). Sua vocação profética o reduziu a sinal de contradição – "*...a palavra do Senhor tornou-se para mim injúria e ludíbrio o dia inteiro*" (20,8) – sendo constituído "examinador" do povo (6,27), Deus o esconjura a não mais pregar para que sua ira (de Javé) possa desafogar-se (7,16; 11,14), mas ao mesmo tempo o constituí sinal das esperanças futuras para toda a nação: "*Porque assim diz o Senhor Todo-Poderoso, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas neste país*" (32,15).

Por isso o povo acreditou nele como um Messias (cf. acima) e muitos padres da Igreja viram nele um dos "tipos" melhores para Jesus Cristo.

SINAL DE CONTRADIÇÃO E DE CONSOLAÇÃO

A pregação dos últimos anos de Jeremias era no sentido de submeter-se à Babilônia, contra as correntes nacionalistas e a esperança da maioria. Perseguido, preso e açoitado, não deixou de profetizar. Suas aparições em público, no final, foram quase esporádicas. Uma delas, no entanto, foi por ocasião da mensagem de consolação aos exilados. Nesta ocasião, ainda no Templo, confrontou-se com Ananias.

Baruc (?) no c. 26 faz uma síntese em três versículos (4-6) do discurso de Jr 7, e dá em detalhes as conseqüências do mesmo, silenciadas pelo deuteronomista no c. 7. Profetas e sacerdotes, chefes religiosos, querem calá-lo da maneira mais drástica possível: a morte: "*Este homem merece a pena de morte porque profetizou contra esta cidade, como ouvistes com os próprios ouvidos*" (26,11). A intervenção de Aicam, filho de Safã, o salva da condenação à morte (26,24). Ambos, Aicam e Safã, protagonistas da reforma religiosa de Josias (2Rs 22).

A oposição dos falsos profetas foi praticamente constante em sua vida e se reacendeu depois da primeira ocupação de Jerusalém e da primeira deportação dos habitantes em 598, isto é, depois da primeira experiência do castigo vindo

9. Cf. MARTINI, Carlo Maria. *Una voce profetica nella città; meditazioni sul profeta Geremia*. Centro Ambrosiano, Edizioni Piemme, 1993.

BIBLIOTECA Frei Capuchinhos

pelos babilônios e profetizado por Jeremias. O motivo principal da oposição é quanto à duração do castigo e se se devesse ou não resistir à dominação babilônica.

São os dois partidos: um a favor da Babilônia e outro que contava com o apoio do Egito para subtrair-se ao jugo babilônico. Os filo-egípcios tiveram sua ação máxima na "Conferência Internacional" (593). O profeta opôs-se à coalizão, convencido que Deus havia entregue o domínio do mundo a Nabucodonosor (c. 27). Profetiza com realismo que o exílio será longo (29,28) e que não é possível nenhuma ilusão: *"Será longo, construí casas e instalai-vos; plantai pomares e comei seus frutos."*

São 70, conforme sua profecia, os anos da duração do exílio (29,10). Paradoxalmente é a longa duração do exílio que justamente poderá consentir a Israel aquilo que já era impossível na sua própria terra: ter uma vida plenamente humana, de amplo respiro, aberta ao futuro. É esta, em síntese, a mensagem da carta enviada aos exilados (c. 29).

ENTRE A RESIGNAÇÃO E O FANATISMO[10]

Como discernir de que parte está a verdade? A atitude de Jeremias é uma resignação fatalística ou é fanatismo utópico a atitude dos outros profetas? A pergunta é legítima e a pregação de Jeremias apresenta pelo menos certa ambigüidade. Jeremias será acusado de derrotismo ou de ter-se vendido aos inimigos, de passar para o lado dos que se opõem aos interesses do povo (37,13-14; 38,1-5).

Ao lado do ensinamento de que o profeta não toma posição de cômoda neutralidade política, mas faz uma precisa escolha de campo, fica ainda nebulosa, no entanto, sua escolha que podia prestar-se a uma má interpretação.

Não é fácil desacreditar a pregação dos outros profetas. Eles exprimiam sem dúvida uma preocupação autêntica e corajosa de não resignar-se ao destino e de continuar a luta. Como discernir a Palavra de Deus em meio a esta ambígua situação humana?

O confronto com Ananias (28,2-4) pode ajudar em algo. Ananias fala como profeta de Deus e anuncia a esperança do retorno quase imediato. Jeremias anuncia algo totalmente oposto (28,7-8). Mas Jeremias é derrotado. *"O profeta Jeremias foi-se embora"* (28,11).

A carta de Jeremias aos deportados é otimista se medida com os prazos históricos. A vida deve continuar. O Exílio não é momentâneo mas também não permanente. Isto é realismo histórico. É preciso cultivar a vida, a família, o trabalho: bens cotidianos e domésticos. Como no Êxodo, uma geração teve que morrer preparando o tempo e o lugar para a seguinte que entrará na terra

10. Cf. MELLO, Alberto. *Geremia* (Col. Bibbia-Oggi; strumenti per vivere la parola). Ed. Gribaudi, Torino, 1981. Também ATTINGER, Daniel, Comunità di Bose, *Geremia, la violenza dell'amore di Dio.* Nuove Frontiere, Roma, 1990.

prometida (Nm 14). Cada filho que nascer na Babilônia será um ato de confiança no futuro.

Para Israel poder encontrar sua identidade religiosa é necessário antes perder todas as falsas seguranças do passado pois só assim irá redescobrir o sentido da própria vocação na diáspora em meio aos pagãos. *"Procurai o bem-estar da cidade para onde vos deportei; rogai por ela ao Senhor, porque de seu bem-estar depende o vosso".*

A profecia de Jeremias foi concreta e histórica. Não se tratava de adivinhar o futuro mas de realismo político. Não se tratava de esperar passivamente, mas de forjar o futuro dentro das coordenadas da utopia, a partir da vida normal de cada dia. Profetizar com os gestos da vida inteira. "Construir e plantar".

CONCLUSÃO

Jeremias foi um homem fortemente marcado tanto pelo sofrimento como pela esperança. Suas qualidades e características humanas foram desafiadas pela complexidade da missão, conforme podemos perceber facilmente pelo contexto histórico. Hoje em dia, a resistência ao chamado profético, é um pouco como ficar chorando o leite derramado; afinal não vai adiantar nada e eu não tenho condições e alcance para tal tarefa. Em Jeremias a resistência, no entanto, além de ser própria do gênero literário "relato de vocação", ajuda a acentuar a diferença que há entre uma situação pessoal ou social real e uma outra apontada como possibilidade de futuro. O chamado é sempre para algo futuro a ser realizado em contraste com o presente que deve ser transformado. A resistência ou objeção em assumir o chamado, *"Ah! Senhor Deus, eis que eu não sei falar, porque sou ainda uma criança"* (Jr 1,6) tem a função de demonstrar que o profeta fala em nome de Deus: ele por si mesmo não queria falar. Sua vontade era outra, bem diferente. Não o faz portanto por motivo de ambição pessoal ou outros interesses. Jeremias, portanto, assume uma missão autenticada pela vontade de Deus e não por sua própria vontade.

Os textos que relatam sua estrutura psicológica demonstram que a construção de uma realidade diferente da que se tem diante de si, atendendo à vontade de Deus, está bem longe de ser um negócio que lucra realização pessoal e prestígio social. Ao contrário. O caminho é árduo e sofrido. O mesmo que aconteceu com Cristo em sua fidelidade ao Pai, isto é, sua paixão e morte. Mas a realidade a ser construída deve realmente ser importante para se estar disposto a pagar tal preço. O preço pode ser pago somente se o projeto tiver sustentação na utopia.

No contexto social e histórico muitos sinais contrastam com o projeto de Deus. Deus quer a realização da sua promessa, mas esta encontra obstáculos de todo tipo que denotam o afastamento da nação da lei de Javé. A idolatria combatida pelo grande rei Josias é um sinal gritante de que houve afastamento de Deus e conseqüentemente de seu projeto. É necessário erradicar esse mal do país para construir a nova sociedade. É necessária e urgente a conversão. As reformas de Josias deram esperança ao profeta. Esperou para ver os frutos que poderia produzir. Quando o rei foi morto (609 aC) Jeremias recomeçou sua pregação profética atacando corajosamente as injustiças praticadas pelo novo rei Joaquim

(Jr 22,13-19). Atacou o templo de Jerusalém (7,1-15) que deveria ser o lugar da presença de Javé mas se tornara um esconderijo de ladrões. Chegou a denunciar a reforma de Josias por ter produzido uma conversão só aparente (Jr 3,6-13)[11]. A conversão de Jerusalém é mentirosa, pois a injustiça continua sendo a base da vida nacional, com a diferença de que agora pretendem ter Javé do seu lado. Mas o templo, lugar do culto centralizado, perverteu-se num "covil de ladrões" (Jr 7,11). Não adianta reformar o culto sem reestruturação social, sem transformar as relações entre o povo e seus dirigentes, sem acabar com a opressão do estrangeiro, do órfão e da viúva (cf. Jr 7,6).

Jeremias não cruzou os braços. Josias morrera em batalha. O atual rei é despótico (Joaquim), há ameaça das potências estrangeiras. A elite corrompida. O que fazer? Parece que o projeto deuteronomista de Josias tinha fracassado. Sua vocação não era outra coisa que uma resposta ao projeto de uma sociedade nova, construída com coragem e esperança.

O futuro não será construído por nós até o fim. Mas não podemos aguardá-lo passivamente como se nada houvesse para fazer. Na origem de todas as grandes obras houve uma fermentação de sonhos, projetos, aspirações, houve uma dedicação apaixonada àquilo que ainda não existia (*ouk-topos*). O Sonho é tão essencial ao homem como a realidade, pois é a matriz da realidade.

Há falsos profetas e qualquer um pode ser um deles. Isto independe do cargo que se ocupa. Não nos arroguemos, portanto, infalibilidades, nem deixemos de ouvir a comunidade, suas necessidades, o Evangelho e o Espírito. É preciso aprender também dos inimigos. Vivemos um momento de "noite escura para os pobres", por isso devemos ter a "com-paixão" (sofrer junto) que unge o ferido e levanta o caído.

A profecia assume no cristianismo, portanto, a função de sonhar e de realizar o sonho na solidariedade. A utopia fermenta a ação. Jesus não desmentiu as utopias. Alimentou-as. Jeremias anunciou o futuro da Nova Aliança (31,31-34). Supera-se na idéia de sociedade da Nova Aliança a divisão entre os que sabem e os que não sabem, em que o conhecimento é utilizado como fonte de dominação paternalista. Ninguém vai precisar ensinar ninguém. A lei é interior, gravada no coração, não mais em pedra. Eis o fermento que alimenta e faz crescer o Reino esperado e anunciado. A história comprova a fecundidade das utopias e das profecias. Jeremias, por isso, estava na soleira do Novo Testamento. A verdadeira esperança constrói-se não nos momentos de euforia nem de ilusão fácil sobre as soluções, mas sobre as cinzas e as ruínas das ilusões perdidas. É preciso sonhar sempre e recomeçar indefinidamente a construção do futuro vislumbrado utópica e comunitariamente.

11. A imagem da prostituição usada para caracterizar a rebelde e infiel Judá está coligada à passagem precedente (3,1-5). A lei de Dt 24,1-4 proibia que, após o divórcio, o marido se unisse de novo à sua mulher, se ela já estivesse casada com outro homem. Javé se divorciou de sua nação, Israel, por causa da infidelidade desta que se prostituiu com muitos amantes. É possível, agora, retornar a Javé? Tudo parece irreparável, mas quando o esposo traído é Javé, nada está definitivamente perdido (Nota da Bíblia Sagrada, Edição Pastoral).

Ou será que devemos cruzar os braços diante da "vitória" do neoliberalismo? Desvaneceram-se as possibilidades de mudar o mundo? Não há mesmo esperança para os pobres? Não há mais utopias pelas quais valha a pena dar a vida? Jeremias teve uma causa e uma esperança. Jesus lutou até o fim por uma causa. O Deus da vida faz avançar n'Ele e nas suas comunidades (Igreja) a utopia do Reino. Esta é a grande missão da Igreja hoje, pois ela atualiza o mistério salvífico no tempo e no espaço humanos. A Igreja sem o horizonte do "novo", que deve ser sempre buscado e construído, abandona sua missão e esperança e já não pode, a rigor, ser chamada de Igreja de Cristo. Ela é, portanto, nada menos que a testemunha da possibilidade histórica da utopia.

Ramiro Mincato
C.P. 40
fone/fax: (051)485-1100
94400-970 Viamão – RS